

**A ANTÍTESE NEOPENTECOSTAL:
O REVERENDO CAIO FÁBIO E O
MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA
AO NEOPENTECOSTALISMO
BRASILEIRO (1991-2018)**

DANIEL GOMES DOS SANTOS OLIVEIRA* 
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE
JANEIRO, SEROPÉDIA, RIO DE JANEIRO, BRASIL

RESUMO

Em 23 de setembro de 1995, a Associação Evangélica Brasileira (AEVB) emitiu um manifesto opondo-se às práticas “anti-Evangelho” da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e de seu líder. Esse documento “desautorizava” a IURD a se manifestar em nome de todos os evangélicos. Atualmente, ainda existe um movimento interno que – embora esteja longe de representar a maior parcela – é resistente e antitético, por exemplo, ao bolsonarismo e seus aliados engajados na cúpula da bancada evangélica brasileira. Buscamos analisar esse movimento em oposição ao neopentecostalismo e evidenciar que, ao contrário do que se possa ligeiramente concluir, o movimento neopentecostal encontrou resistência já em suas primeiras representações no Brasil. Trataremos da figura do Reverendo Caio Fábio d’Araújo Filho como um sujeito globalizante dessas posturas antitéticas.

Palavras-chave: Neopentecostalismo; Caio Fábio; AEVB.

ABSTRACT

On September 23, 1995, the Associação Evangélica Brasileira (AEVB) issued a manifesto opposing the “anti-evangelical” practices of the Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) and their leader. This document “disallowed” the IURD to speak out on behalf of all evangelicals. Nowadays, there is still an internal movement that is – although far from representing the largest portion – resistant and antithetical, for example, to Bolsonaroism and its allies engaged in the dome of the Brazilian evangelical caucus. We seek to analyze this movement in opposition to neo-Pentecostalism, and highlight that, contrary to what one might slightly conclude, the neo-Pentecostal movement encountered resistance already in its first representations in Brazil. We will deal with the figure of the Reverend Caio Fábio d’Araújo Filho as a globalizing subject of these antithetical postures.

Keywords: Neo-pentecostalis; Caio Fábio; AEVB.

INTRODUÇÃO

Durante as últimas décadas, alguns pesquisadores se dispuseram a refletir e investigar o advento neopentecostal. Trabalhos que consideramos basilares, como *Teatro, templo e mercado*, de Leonildo Campos¹, ou como *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, de Ricardo Mariano², foram alguns dos muitos que analisaram essa grande *onda*. Paul Freston, talvez, tenha sido um dos pioneiros a identificar uma mudança do espectro pentecostal e identificar uma “agenda” que se distinguia do itinerário tradicional dessa vertente³. A historiadora Andreia Mina também contribui muito com seu trabalho⁴, analisando a construção do “outro” através da perspectivas de duas das maiores denominações evangélicas nacionais, ou seja, nos trazendo um pouco da disputa interna do campo evangélico. Ademais, encontramos suporte em autores de abordagens mais contemporâneas, explicitando, dessa forma, a importância para nossa proposição de estendermos nosso olhar analítico, partindo de 1991 – fundação da Associação Evangélica Brasileira (AEVB)⁵, idealizada pelo Reverendo Caio Fábio⁶ – até o contexto de ascensão e organização do bolsonarismo, analisando a eleição de Jair Messias como um índice de um processo sociorreligioso que, ao que tudo indica, teria se iniciado a partir da neopentecostalização⁷ dos evangélicos no Brasil. Nesse sentido, um trabalho importante para

1 CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento Neopentecostal*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Símpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997.

2 MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

3 “Protestantes e política no Brasil” (FRESTON, 1993), *Evangélicos na política brasileira* (FRESTON, 1994), além de FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 67-162. Embora tenha sido uma percepção ainda rudimentar nos anos 1990, Freston abriu caminho e horizontes para futuros pesquisadores.

4 É interessante a abordagem, pois os anos 1990 foram cruciais para o avanço neopentecostal. Mina trabalha alguns pontos de convergência e divergência entre uma das Igrejas mais tradicionais em nosso território (AD) e a mais liberal, no sentido da interpretação bíblica (IURD). Cf. MINA, Andreia Mendes de Souza. *Nós e o mundo: a construção do “Outro”*. Alteridade e pertencimento no material de divulgação brasileiro da Igreja Assembleia de Deus (AD) e Igreja Universal do Reino de Deus na década de 90. 2004. Tese (Mestrado em História Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

5 Entidade de maior expressão entre os evangélicos no Brasil na década de 1990.

6 Figura paradigmática e importante para a nossa pesquisa. Foi pastor evangélico de expressão nacional desde a década de 1980, um dos primeiros televangelistas brasileiros. Veio a se desligar do movimento evangélico no fim da década de 1990. Porém, hoje é o fundador da instituição religiosa “Caminho da Graça”. Também pode ser considerado o “pai” dos desigrejados. Conhecido pelas suas críticas ácidas às grandes personalidades neopentecostais, tais como Silas Malafaia, Edir Macedo, R. R, entre outras. Também identificado atualmente como uma personalidade que representa uma parcela dos evangélicos contra as práticas do governo Bolsonaro. Seu engajamento virtual é notório até os dias atuais, um exemplo disso é seu canal Vem&Vê TV no YouTube, no qual transmite semanalmente o “Papo de Graça”, que tem um fluxo significativo de pessoas.

7 Esse é um ponto ainda delicado, visto que muito representantes da AD não se definem como neopentecostais, tampouco gostam quando são identificados dessa forma. Um exemplo disso, que pode nos fazer entender esse processo de “neopentecostalização” dos assembleianos, é o pastor e *player* político bolsonarista: Silas Malafaia. Embora ele não se autodeclare nem se considere neopentecostal, nós nos baseamos em dois pontos para podermos defini-lo assim. Primeiro, baseamo-nos na definição de Mariano (2014) e nas suas considerações sobre esse grupo, e analisando suas características, pudemos entender o perfeito encaixe de Malafaia às “agendas extratemplo” e a aceitação da propalada “teologia da prosperidade”. Outro ponto que nos permite considerá-lo integrante do grupo são justamente suas posturas frente à disseminação da “teologia da prosperidade”. Em um primeiro momento, ele se apresenta totalmente contrário a esse viés teológico, porém, em um segundo momento não tão distante, de forma bastante contraditória, se mostra bem adaptado ao mercado gospel e defensor da prosperidade do “povo de Deus”. Sobre isso, ver: CONTRADIÇÕES de Silas Malafaia – Teologia da Prosperidade. [S.l.: s.n.], 2013. 1 vídeo (9 min.). Publicado por

refletirmos é a tese de Leandro Ortunes, “Religião e política: o neofundamentalismo no Brasil”⁸. Ortunes se mostra preocupado em seu trabalho com a postura neoconservadora e também – como ele prefere conceituar – “neofundamentalista” dos evangélicos no país, assim como com postura reacionária deles, que muitas das vezes estaria entrando em atrito com um constitucional e fundamental atributo do Estado: a laicidade. Junto a esse autor, também encontramos auxílio na obra do professor e teólogo Fábio Py: *Pandemia cristofascista*⁹, que vem chamando essa forma de governo baseada no discurso de ódio aos diferentes de “cristofascismo”, conceituação interessante para basearmos nossa reflexão, principalmente se considerarmos os grupos antitéticos ainda atuantes e sua crítica ao governo de Jair Bolsonaro. Enfim, seria impossível citar todos os trabalhos aqui juntamente às suas importantes contribuições. Entretanto, após a análise desses materiais, acreditamos que, embora se encontrem algumas citações, não achamos um aprofundamento sobre o tema – o qual achamos imprescindível ao se estudar os avanços dessa nova *onda* –, que pode ser chamado de “movimento em oposição ao neopentecostalismo no Brasil”¹⁰.

Dessa forma, com este trabalho, primeiro objetivamos demonstrar que embora a narrativa não enfatize e parcela da historiografia tenha menosprezado, o movimento neopentecostal não foi uma expressão uníssona entre os evangélicos do Brasil – mesmo que o cenário atual possa nos fazer ligeiramente pensar nisso. Os que eram antitéticos às práticas neopentecostais tiveram o seu contingente, de certa forma, representado. Para isso, iremos nos limitar a analisar apenas dois pontos polêmicos de conflitos entre os novos pentecostais e os que se contrapõem a esses. Primeiramente, daremos destaque para a hermenêutica bíblica, pela qual esses dois grupos (neopentecostais e antitéticos) se baseiam, pois acreditamos que nesse ponto há uma das maiores causas do cisma. Em segundo lugar, destacaremos o embate envolvendo as éticas desses dois grupos discordantes no que tange às suas relações com o cenário sociopolítico através de algumas declarações de representantes e líderes deles¹¹.

Helder Silveira. Disponível em: <https://youtu.be/yDAaeAaQ-cQ>. Acesso em: 17 ago. 2021.

8 Ortunes tem seu foco no estudo do que ele chama de Neofundamentalismo e sua crescente no campo político-religioso brasileiro. Além de analisar e diferenciar os fundamentalismos historicamente, ele traz uma análise da postura e do discurso conservador de alguns líderes neopentecostais nas mídias tradicionais e digitais. Uma das figuras analisadas nesse estudo é Malafaia. Sobre essa análise, olhar tabelas nas páginas 191, 192, 193. Cf. ORTUNES, Leandro. *Religião e política: o neofundamentalismo no Brasil*. 2019. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

9 PY, Fábio. *Pandemia cristofascista*. São Paulo: Recriar, 2020.

10 OLIVEIRA, Daniel Gomes dos Santos. “*Eles não falam por nós!*”: o movimento em oposição ao neopentecostalismo no Brasil. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2020. p. 1.

11 O envolvimento neopentecostal com a política, encabeçando alguns principais partidos, ou formando a tão expressiva hoje “bancada evangélica”, talvez tenha sido a grande alavancada que essa vertente necessitava para avançar para um próximo nível em escala nacional. Sobre isso, consultar o artigo: CAMPOS, Leonildo Silveira. Os “políticos de Cristo” – uma análise do comportamento político de protestantes

Isso tudo nos fará conhecer melhor esse grupo antitético ao modelo neopentecostal. Deste modo, é interessante observarmos que embora o neopentecostalismo tenha alcançado alto nível de pluraridade nos últimos anos, esse grupo é, de certa forma, mais característico e de fácil identificação. Em contrapartida, alguns batistas, presbiterianos, metodistas, uma parcela da AD, entre outros, a partir da década de 1990, formaram um coletivo que apontava nas práticas neopentecostais algo de abusivo, estelionatário, antibíblico e antievangelho. Como era de difícil identificação, trataremos aqui da AEVB, em um primeiro momento, como uma instituição centralizadora dessas ideias, e do reverendo Caio Fábio d’Araújo Filho¹² como seu representante de maior expressão. Desse modo, consideraremos essa figura como a de um sujeito globalizante, que encabeçava as ações desse grupo.

O MANIFESTO

[...] diante de tais constatações, as quais evidenciam pontos de contato em parte da mensagem, mas que afirmam imensas e irreconciliáveis diferenças entre as práticas da maioria dos evangélicos e a IURD, cabe-nos dizer que, no entendimento dos líderes da AEVB em todo o Brasil, os fiéis da IURD apenas se pronunciem em seu próprio nome, sem tentarem transformar seus conflitos e guerras pessoais em batalhas guerreadas em nome de todos os evangélicos. Só assim faremos silêncio diante das ações dos líderes da IURD. Afinal, vivemos num país livre e democrático no qual todas as formas de convicção religiosa podem ser praticadas nos limites da constituição brasileira. O que não podemos é assistir calados as frequentes tentativas dos líderes da IURD de se tornarem os porta-vozes da Igreja evangélica, pois, caso aceitemos que assim seja, estaremos negando 500 anos de história e de prática evangélica no mundo, e admitindo que o perfil da IURD é o que caracteriza os evangélicos, o que, de fato, não é. Com pesar, porém com sinceridade, e na expectativa de pararmos de vez com tantas controvérsias, assim nos posicionamos¹³.

Em maio de 1991, no Centro do Professorado Paulista (CPP), foi criada a Associação Evangélica Brasileira, a AEVB, tendo como seu idealizador e primeiro presidente o reverendo Caio Fábio D’Araújo Filho. Essa associação teria sido, segundo as evidências, dos anos de 1992 até 2002, a organização de maior expressão no que tange à resistência ao neopentecostalismo e a todas as suas representações ideológicas, políticas, institucionais e dogmáticas. Segundo Caio Fábio, a AEVB foi idealizada exatamente em um momento em que as bases neopentecostais já se encontravam fincadas no solo evangélico. Portanto, ela foi criada com o objetivo prático de

históricos e pentecostais no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOCS, 26., 2002, Caxambu. *Trabalhos apresentados* [...]. Caxambu: ANPOCS, 2002.

¹² Nos anos de 1990, Caio Fábio mantinha relações estreitas com a rede Globo e era amigo pessoal de Roberto Marinho, por conta disso, foi alvo de ataques por parte das mídias Iurdianas, incluindo ataques de Silas Malafaia no antigo programa “25ª hora”. Caio Fábio, sempre que questionado sobre Malafaia, insiste em relatar sobre a quantia de 40 mil dólares que Malafaia supostamente recebia de Macedo para criticá-lo ao vivo.

¹³ LEAL, Luciana. Evangélicos rompem com a igreja universal. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 set. 1995. Disponível em: <https://shre.ink/1MyJ>. Acesso em: 10 mar. 2022.

uma unidade protestante¹⁴. Independentemente de contrariedades concernentes às doutrinas das multifacetadas denominações evangélicas brasileiras, segundo Andreia Mina¹⁵, a AEVB, em 1992, já era a maior organização de união entre todas as denominações do país. Acreditamos que essa rápida adesão por parte delas à AEVB, teria se dado pela confiabilidade que a figura do reverendo Caio Fábio dava a essa entidade. Para termos a dimensão do tamanho dessa “unidade”, sem precedentes na história do evangelicalismo brasileiro, cabe destacar que essa associação foi a única que conseguiu convergir duas das denominações mais antagônicas: uma parcela das Assembleias de Deus – exceto do campo de Madureira – juntamente à histórica e clássica igreja Presbiteriana. O fato é que a AEVB, e somente ela na época, parecia obter as condições necessárias para a organização de um amparado que viabilizasse um bloqueio aos avanços neopentecostais, como era seu objetivo.

Caio Fábio relata que, certa vez, logo no início da AEVB, foi procurado pelo bispo Edir Macedo, que tentava se filiar a essa associação, porém teve que o desapontar e responder:

Olha, Macedo, nós estamos criando esta organização justamente por sua causa, pois se nós não dissermos o que é a “Igreja Evangélica” agora, e não determinarmos à luz do evangelho, qual é o conteúdo básico do evangelho agora, daqui há vinte anos, quando se falar em “evangelho” estará se falando em ti. [...] Nós (AEVB) vamos escrever o significado do que é ser evangélico, segundo o novo testamento e segundo um olhar coletivo [...] e segundo a perspectiva da história dessa fé¹⁶.

Embora possa se achar essa atitude de certa forma presunçosa por parte de alguém ou algum grupo, de querer definir os limites da atuação evangélica, essa expressão pode ser considerada legítima, na medida em que são considerados alguns eventos da época e o conturbado cenário religioso¹⁷. E, nessa perspectiva, o reverendo Caio Fábio, em palestra, lembra o manifesto como “a hora da grande divisão”, pois os segmentos neopentecostais e os também “neopentecostalizados” já haviam tomado uma grande proporção do contingente evangélico no país. Em matéria feita pela *Folha de S. Paulo* em janeiro de 1996, Caio Fábio

14 PANORAMA dos cristianismos no Brasil: bate-papo com Caio Fábio. [S.l.: s.n.], 2020. 1 vídeo (96 min). Publicado pelo canal TVPUC. Disponível em: https://youtu.be/6V_H7L_8kc0. Acesso em: 20 de out. 2020.

15 MINA, 2004, p. 36.

16 PANORAMA..., 2020, 50m17s.

17 Vale lembrar alguns fatos marcantes desse cenário da década de 1990: além da prisão de Edir Macedo em maio de 1992, acusado de charlatanismo, Freston (1994) relembra o fato da investigação da Polícia Federal sobre a compra da Record. Além do suposto empréstimo que a IURD teria concedido a longo prazo e sem juros ao bispo – o que é ilegal por se tratar de uma instituição com isenção fiscal e sem fins lucrativos –, Macedo estava sendo acusado por um ex-pastor da Universal, Carlos Magno, de ter recebido um financiamento de 1 milhão de dólares de um traficante colombiano. Este último caso foi posteriormente “desmentido” pelo veredito judicial. Outro cenário agitado, descrito por Mariano (2014), se deu em 12 de outubro de 1995, com o caso que ficou conhecido como “o chute na Santa”, em que um pastor Iurdiano havia desrespeitado em rede nacional a imagem da Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, isso em pleno feriado de comemoração em sua homenagem. Este último fato nos leva a considerar o alto nível de instabilidade que a postura da IURD trouxe para a relação entre evangélicos e católicos naquele período. A mídia (Globo), os católicos e qualquer um que se envolvesse com eles eram vistos como “inimigos”. Essas estão longe de ser as únicas polêmicas com as quais a IURD, juntamente ao Bispo Macedo, se envolveu naquela turbulenta década, porém, acredito que já bastam para entendermos como minimamente legítima a postura da AEVB ante a tais acontecimentos.

externava sua insatisfação alegando que a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) provocou um constrangimento profundo ao meio evangélico. Ele dizia que ela havia se tornado uma “máquina de arrancar dinheiro”¹⁸, e ainda afirmou que o seu criador seria “o primeiro produto de um sincretismo surgido entre os evangélicos brasileiros”. A matéria ainda nos traz:

Segundo ele (Caio Fábio), a IURD preserva algumas características dos cultos evangélicos, mas os mistura com elementos católicos e afro-ameríndios. “A Teologia da Graça, a idéia de que você recebe a graça porque a mereceu, não é evangélica, mas católica”, afirma. Para ele, dessa matriz é que surgiram práticas católicas como a confissão, a penitência, as promessas e, há alguns séculos, a venda de indulgências. A ênfase da IURD nas contribuições dos fiéis derivaria dessa venda de indulgências. “O dízimo é dado não como devoção, mas como troca”, diz. Caio Fábio diz que o sincretismo com cultos afro-ameríndios se revela no estímulo aos “símbolos e pedras de toque” objetos com poderes extraordinários. Assim, há sacos de sal que devem ser postos atrás das portas, fitinhas para amarrar no braço, garrafas com água supostamente recolhida em locais bíblicos como o mar Morto ou o rio Jordão¹⁹.

Partindo disso, o reverendo chama esse sistema neopentecostal de “usar Deus como *commodity*”, ou seja, Deus como um produto. Uma espécie de secularização da fé, que já não se tem por satisfeita com viver sob a graçadivina, ou sob suas vontades soberanas. Na cosmovisão neopentecostal, segundo Caio, Deus tem como função principal atender à demanda de sua clientela. Em um de seus livros – autobiográfico –, o reverendo expõe o ambiente vivido antes da divulgação do manifesto:

A pressão vinha de todos os lados. Eram líderes ligados à AEVB que queriam uma tomada de posição. Eram outros que queriam que silenciássemos. E havia também os que exigiam um esclarecimento público e final sobre as razões de nós sermos tão contrários às práticas e posturas da IURD. – Só se fizemos um manifesto e o divulgamos em nome da AEVB, botando um ponto final nesse bate-boca – disse para várias pessoas. A idéia do documento prevaleceu. Assim, nos reunimos da noite para o dia e elaboramos o texto. *A idéia era afirmar o direito constitucional da Universal existir do modo que bem entendesse, dentro das fronteiras da legalidade, mas mostrar as imensas diferenças de natureza ética, doutrinária, prática e de conteúdos que nos separavam.* Por isto, solicitaríamos que eles falassem em seu próprio nome e parassem com aquela estratégia de se esconderem atrás dos evangélicos sempre que aprontavam e não queriam ficar para pagar a conta sozinhos²⁰.

Parecia, de fato, haver um ambiente hostil entre esses dois grandes grupos. Enquanto isso, a imprensa estava ansiosa para relatar o desenlace da trama, visto que aquele manifesto preparado se consolidava como uma atitude, de certa forma, inérita frente aos audaciosos avanços neopentecostais daqueles tempos. No entanto, por mais que a relevância da AEVB fosse ainda notável no ano de publicação de tal manifesto, o reverendo, aparentemente, tinha a real noção de que, naquela altura, eles *não* falariam por todos os evangélicos:

18 MOLICA, Fernando. Igreja divide os evangélicos. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 1996, Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/1/07/brasil/22.html>. Acesso em: 15 out. 2018.

19 MOLICA, 1996.

20 D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. *Confissões do pastor*. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 432. Grifo nosso.

O texto foi aprovado, e cerca de cento e dez líderes de expressão o subscreveram em menos de 24 horas. A legitimidade do documento estava garantida do ponto de vista da AEVB, visto que nós mesmos não ousávamos falar em nome de todos os evangélicos, pois nossa associação não representava mais do que 45% do total. Entretanto, mesmo sem representatividade absoluta, ainda assim, refletíamos o pensamento da *maioria esmagadora e silenciosa*, possuída de um pudor religioso extremamente covarde²¹.

A nosso ver, Caio Fábio expressava sumariamente as ideias desse grupo e, portanto, se configurava um de seus maiores representantes em resistência aos avanços neopentecostais. Essa constatação é importante em nosso objetivo de mostrar que a cosmovisão neopentecostal não foi instaurada em território nacional sem se deparar com quaisquer barreiras. O que analisamos, entretanto, é que nenhuma barreira parece ter sido suficientemente capaz de conter o avanço impetuoso dessa *onda*.

O DEBATE HERMENÊUTICO

A etimologia da palavra hermenêutica vem do grego *hermeneuein*, que significa a filosofia da interpretação. De modo que a hermenêutica está intrinsecamente associada ao poder, afinal, quando uma interpretação se torna hegemônica, estabelece-se um *poder simbólico*. Não é novidade que diferentes interpretações de textos sagrados causam conturbadas relações no seio de um mesmo grupo religioso, e isso não é uma peculiaridade do cristianismo. A livre interpretação de algo considerado sagrado levanta um debate delicado sobre acessibilidade e perigo. Um exemplo disso é a década de 1990, que, para muitos evangélicos, soou como uma nova interpretação das escrituras que dava mais liberdade aos cristãos de agir mediante a fé e – ironicamente – a Deus, que devia atender às demandas de sua prole, porém, para outros tantos evangélicos, isso poderia ser chamado de heresia, ignorância ou até mesmo estelionato por parte dos líderes. Portanto, antes de tratarmos sobre o que diz a antítese dessa hermenêutica neopentecostal, acreditamos que cabe aqui estabelecermos a sua síntese.

Antes de seguirmos com qualquer explanação sobre esse complexo tema, é muito importante ainda repetir o que pode parecer óbvio para alguns: não trataremos aqui sobre o embate de interpretações pentecostais clássicas e tradicionais conservadoras da bíblia, tampouco recordaremos o velho e gasto assunto sobre a glossolalia ou continuacionismo e cessacionismo. De modo que a hermenêutica pentecostal deve se manter separada desta discussão, até mesmo pelo fato de que só recentemente os pentecostais começaram a desenvolver uma sistematização teológica interna²².

21 D'ARAÚJO FILHO, 1997, p. 432. Grifo nosso.

22 CARVALHO, César M. *Pentecostalismo e pós-modernidade*: quando a experiência sobrepõe-se à teologia. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. p.

No domingo de 24 maio de 1992, o idealizador e líder da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo, foi preso após um culto. Ele fora acusado de três crimes: charlatanismo, estelionato e curanderismo. O curioso é que nessa circunstância, o então almoz Iurdiano, reverendo Caio Fábio, foi contra a ação policial, juntamente a Assembleia de Deus (AD)²³. Inclusive, foram divulgadas declarações que questionavam as motivações pelas quais Edir Macedo havia sido preso. Em algumas declarações bem posteriores ao caso, Caio chega a dizer que a prisão de Macedo não era o erro, mas, sim, as motivações pelas quais ele fora acusado, pois essas estavam equivocadas. As acusações movidas ao então bispo caracterizavam, de certa forma, uma discriminação por sua nova interpretação bíblica, e isso fere de alguma forma a liberdade religiosa não apenas de pentecostais, mas de qualquer religião que atribui poderes milagrosos a objetos ordinários, e isso é um ponto muito delicado.

É bem verdade que a hermenêutica pentecostal aparentemente teria inspirado as primeiras ações Iurdianas no sentido da narratologia²⁴. Nesse sentido, não é novidade a quantidade de objetos ordinários utilizados pela IURD como que tendo poderes miraculosos. *Água do Jordão*, *Rosa ungida*, entre outros objetos são identificados como “pontos de contato”, sem muitas explicações teológicas, mas pela simples experiência de fé comparada. Afinal, conjecturemos, se a vara de Moisés se transformou em serpente diante de Faraó e seus conselheiros²⁵ e se Elizeu pôde fazer flutuar o ferro de um machado que havia afundado no Rio Jordão²⁶ por qual motivo nós não deveríamos crer na unção de uma Rosa consagrada?! Como já evidenciamos, para isso, não se faz necessária nenhuma sistematização teológica nem complexos usos hermenêuticos. Em contrapartida, destacamos também que essa aparente simplicidade não se configura uma

156. Embora Carvalho tente dismantlar o preconceito oriundo do senso comum, de que os pentecostais seriam ignorantes, sem informação e desprovidos de uma ciência hermenêutica própria, o autor reconhece que por muito tempo o próprio meio se afastou ou foi afastado e impedido pelas demais Igrejas reformadas e clássicas de entrar no debate teológico.

23 É importante desassociar a AD filiada à Convenção Geral das Ass. de Deus (CGAD) das demais filiadas à Convenção Nacional de Madureira (CONAMAD), esta última dissidente da CGAD desde 1989. Também é importante destacar que a AD, vinculada à CGAD, era desassociada do Conselho Nacional de Pastores do Brasil. Conselho que se consolidou em 1993, fruto de um desentendimento de alguns pastores que gostariam de se integrar à AEVB, mas foram impedidos por conta de sua ética um tanto quanto controversa, e que contrastava com a ética que aquela associação visava cultivar. Esse conselho teve como primeiro presidente o pastor Manoel Ferreira – também líder da Convenção Nacional das Ass. De Deus, na época com sede em Madureira –, porém o grande idealizador do conselho teria sido o bispo Edir Macedo. Sobre esse assunto, consultar: LIMA, Luiz Paulo. Conselho de pastores divide os evangélicos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 out. 1993. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_11/123983. Acesso em: 21 set. 2021.

24 Carvalho é simpático à narratologia, no sentido em que ela questiona a visão teológica normativa dos cessacionistas. Nesse ponto, concordamos com ele. No entanto, entendemos que essa modalidade possa ter inspirado líderes neopentecostais em suas empreitadas. Distinguindo-se dos pentecostais, eles direcionaram a hermenêutica bíblica relacionando-a com uma agenda extratemplo, tornando híbrida a experiência neopentecostal. Sobre essa experiência híbrida, consulte CAMPOS, 1997. Além de CAMPOS, Leonildo S. Pentecostalismo e protestantismo “histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p. 504-533, jul./set. 2011.

25 BÍBLIA, A.T. Êxodo 7, 9.10. Português. In: Bíblia Sagrada – Harpa Sagrada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2003, p. 67

26 BÍBLIA, A.T. II Reis 6, 6.7. Português. In: Bíblia Sagrada – Harpa Sagrada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2003, p. 404

ilegitimidade. A audiência de simples relatos pessoais e genuínos de indivíduos que tiveram seus problemas tratados, ou suas doenças curadas por quaisquer desses métodos, podem nos afastar de preconceitos fomentados por um racionalismo que pouco contribui para esta análise. Novamente repetimos: a questão não é essa. O problema começa quando essa hermenêutica passa a ser usada de forma híbrida para defender ideologias ou justificar preconceitos e quando, além disso, ela é reconhecida em escala nacional, e isso é característico dos neopentecostais. Como exemplo, podemos citar o pastor Marcos Feliciano, que utilizou sua própria interpretação bíblica para justificar o racismo ao declarar que a África estaria até hoje sobre a maldição de Noé²⁷ e justificar todas as mazelas daquele continente a uma passagem bíblica²⁸. Infelizmente, isso também acontece em relação ao machismo. Em um dos cultos da Universal, o bispo Macedo, ao tratar sobre sua filha, é extremamente sexista ao declarar que não a teria criado para fazer faculdade, mas para “servir ao Senhor”. Pois, segundo ele, numa relação conjugal normativa, a mulher não pode ser mais inteligente que o marido, visto que isso iria contra os princípios bíblicos²⁹. Essas concepções interpretativas são delicadas, mas percebemos que isso não demanda deles complexas reflexões teológicas. Mesmo assim, o alcance e a reverberação dessas declarações são indimensionáveis.

Ademais, outro grande ponto de conflito entre os neopentecostais e os antitéticos a eles diz respeito a como aqueles fazem uso da hermenêutica bíblica para a interpretação da fé, ou melhor, do “uso” da fé. O bispo Edir Macedo, em um de seus sermões ministrado em um programa radiofônico, advoga que o crente em Deus precisa ser portador de uma “fé atrevida” ou uma “fé revoltosa” para conseguir angariar bênçãos divinas; segundo ele, não se pode contar com o irmão para ajudá-lo, pois o homem nada pode fazer, nem mesmo adianta contar com a boa vontade de Deus, pois o crente é quem demanda essa boa vontade. Ele diz: “Deus lhe deu a fé para que você possa *usá-la como ferramenta de conquista...* para que você tome posse de tudo aquilo que Ele (Deus) prometeu”³⁰. De modo que tudo tem a ver com a cosmovisão neopentecostal; sua perspectiva dá prioridade ao “aqui e agora” e não mais tanta importância à vida “extramundana”, ou seja, à ênfase com a preocupação da salvação da

27 BÍBLIA, A.T. Gênesis 9, 25. Português. In: Bíblia Sagrada – Harpa Sagrada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2003, p. 11.

28 PASTOR Marcos Feliciano diz que a África foi amaldiçoada por Noé. [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (2 min.). Publicado por Felipe PK. Disponível em: <https://youtu.be/CYAc5og83uk/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

29 BÍBLIA, N.T. Efésios 5, 23. Português. In: Bíblia Sagrada – Harpa Sagrada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2003, p. 1155.

30 APRENDA a tomar posse das bênçãos de Deus. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (6 min.). Publicado pelo canal do Bispo Edir Macedo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WAdL2YAW2NI>. Acesso em: 3 nov. 2019. Grifo nosso.

alma, como as demais vertentes do protestantismo e até mesmo os pentecostais clássicos. Em relação a isso, consideramos relevante a abordagem de Wander de Lara Proença. Ele afirma que analisou centenas de exemplares da folha universal e nada achou sobre o assunto “luto” ou como os pastores da IURD tratam o tema³¹, o que nos mostra a falta de tato sobre assuntos “extramundanos” ou que tangem a transcendência do espírito por parte dessa igreja. Sobre este assunto ainda, Proença nos apresenta um curioso caso pessoal de um ex-pastor da Universal, cujo relato se encontra em seu livro. Esse ex-pastor conta que seis meses após o falecimento de sua mãe, que frequentava os cultos da IURD, ele e sua família teriam recebido uma carta do líder neopentecostal de sua mãe, a qual continha as seguintes palavras:

Prezada irmã: ultimamente temos sentido a falta de sua preciosa presença nos cultos de louvores ao Divino Espírito Santo. Lembre-se: “resisti ao diabo e ele fugirá de vós”. Espero ver-te na próxima Ceia do Senhor. Paz seja convosco. Seu escravo em Cristo, Pastor Ricardo Pelegrini. P.S.: O dízimo da irmã está atrasado em cinco meses³².

Apesar de inusitado e com certo grau de comicidade, não nos parece correto julgar tal carta como uma espécie de insensibilidade por parte do líder. Preferimos concordar com Proença, que percebe na Universal uma vivência coerente com a teologia que costuma pregar. Nas palavras do autor:

[...] a mensagem iurdiana demonstra, por esse motivo, grande dificuldade em lidar com qualquer situação que lembre “fracasso” e a morte representa um tipo de derrota de todos os procedimentos ritualísticos criados para conferir aos seus fiéis o sentimento de êxito e sucesso³³.

Até agora, no entanto, tratamos apenas sobre um neopentecostalismo mais embrionário da experiência brasileira, ou seja, o tipo que serve de referência inicial. Porém, no decorrer dos anos, a hermenêutica neopentecostal desenvolveu-se juntamente à sua teologia. E essa “sofisticação” teológica se deu por diversos meios no evangelicalismo brasileiro, porém, a fim de exemplificarmos mais diretamente, abordaremos apenas um caso: o Centro de Treinamento Bíblico RHEMA (CTBR).

Por um motivo óbvio, todas as grandes vertentes neopentecostais querem suas hermenêuticas disseminadas. Os grandes líderes fazem isso muita das vezes sem usar o artifício de um curso teológico, ou aulas de ensinamento bíblico, como é o caso do pastor Silas Malafaia, que hoje pode ser considerado um grande *player* político – assunto que trataremos depois –, ou até mesmo um *influencer* digital. Não esqueçamos que embora sua militância política seja

31 PROENÇA, Wander de Lara. *Sindicato de mágicos: uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2006)*. 2007. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.

32 *Apud* JUSTINO, Mário. *Nos bastidores do Reino. A vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus*. São Paulo: Geração Editorial, 1995. p. 65.

33 PROENÇA, 2007, p. 328.

clara, o hibridismo entre seus conhecimentos políticos e sua interpretação das escrituras é pungente. Isso inclusive pode ser danoso quando pensamos nos termos de um Estado laico. Enfim, o que mais nos importa aqui é pensarmos que durante as últimas duas décadas, a sistematização da teologia neopentecostal cresceu. Nessa perspectiva, optamos por analisar de modo mais formal a hermenêutica neopentecostal mais recente através do olhar para Centro de Treinamento Bíblico RHEMA.

Segundo o site da Igreja Verbo Da Vida – Igreja que trouxe o RHEMA para o Brasil –, essa instituição teria o objetivo de “capacitar homens e mulheres para uma propagação *eficiente* do Evangelho pregado por Jesus Cristo”³⁴. Esse centro foi fundado em 1974, na cidade de Tulsa, Oklahoma, pelo reverendo Kenneth E. Hagin (1917-2003). Segundo sua própria narrativa, ele teria tido esse *insight* depois dele receber o mandato divino: “Vá e ensine fé ao meu povo”. O curso tem caráter interdenominacional, ou seja, dentro do limite, pode ser instalado em qualquer Igreja que parta da mesma premissa hermenêutica da instituição. “A palavra falada” é o lema que aparece em seu brasão, e isso está aparentemente impregnado em sua interpretação das escrituras.

Em um ligeira comparação, o grande contraste entre as práticas RHEMA e as Iurdianas é que estas últimas não parecem ter elaborado sistematizações teológicas para ensinar sua “visão”, como já dissemos anteriormente. Não parece ser coincidência que a IURD não faz uso das tão tradicionais Escolas Bíblicas Dominicais (EBDs) ou qualquer curso bíblico equivalente. Como destaca Paul Freston:

A IURD é ambígua quanto ao estudo. A leitura da Bíblia é encorajada, mas de forma assistemática, e o uso de literatura sobre a Bíblia é desencorajado. Os convertidos não parecem ser incentivados a prosseguir nos estudos seculares; talvez devido à percepção de que a educação formal não é tão importante como meio de ascensão social nos anos 80 e 90. Quanto à formação dos pastores, a IURD experimentou inicialmente com cursos em seminários pentecostais. Mas a formação não era apropriada para atender os tipos sociais que queriam atrair [...]. A solução foi formar seus próprios quadros no Instituto Bíblico Universal. O curso é por convite, não tem duração fixa e frisa aspectos prático³⁵.

O mais próximo de um “ensino” que a IURD propõe aos seus fiéis nos dias hodiernos é a “Escola da fé inteligente”, que presume que “ser cristão vai além de ler a bíblia”³⁶. Essa escola (culto) promete fazer os participantes aplicarem a fé no cotidiano. O curioso é que esse intento é semelhante ao objetivo das demais instituições neopentecostais, cuja elaboração teológica é

34 O QUE é o RHEMA? *Verbo da Vida*, [s. l.], ano. Disponível em: <https://verbodavida.org.br/rhema/o-que-e-o-rhema/>. Acesso em: 16 mar. 2022. Grifo nosso.

35 FRESTON, 1994, p. 142, nota de n. 17.

36 Escola da Fé inteligente. Disponível em: <https://www.universal.org/agenda/post/a-escola-da-fe/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

mais desenvolvida – o RHEMA, por exemplo –, no entanto, apenas os meios e metodologias para tal parecem ser diferentes.

Um fato curioso para se demonstrar é que houve uma real sofisticação teológica neopentecostal no Brasil nos últimos anos, a qual pode ser observada na experiência da Igreja Internacional da Graça de Deus e do missionário R. R. Soares, que desde a inauguração de seu primeiro templo, em 1980, sempre fez uso dos ensinamentos de K. Hagin, de modo a priorizar a narrativa bíblica e estimular os seus membros na prática da “confissão positiva”³⁷. No entanto, aparentemente, ele nunca teria estimulado os membros comuns à prática de cursos que os ajudariam a “desenvolver” essa fé.

Em contrapartida, a Verbo da Vida (VDV) é uma Igreja que mostra ter todo um cuidado teológico na elaboração de sua confissão de fé, e toda uma atenção na importância de saber reproduzir isso na vida de seus fiéis. Basta acessarmos o site oficial dessa Igreja. Nele, existe uma aba exclusiva com o título “Escolas”; nela encontram-se quatro tipos diferentes: “Escola bíblica Verbo da Vida”, o já mencionado “RHEMA”, “Escola de Ministros” e “Escola de Missões”.³⁸ O RHEMA, por exemplo, é um curso com duração de dois anos e oferece um total de 24 disciplinas, a maioria ministrada por professores formados na “Escola de Ministros”. Essa instituição vem nos chamando atenção pelo seu alto nível de engajamento e sistematização no quesito “fé prática”. Ao analisarmos o resumo de uma de suas disciplinas: “vida de prosperidade”, encontramos a seguinte informação: “A prosperidade bíblica é ensinada aos alunos, libertando-os de uma mentalidade de pobreza e limitações”. É clara aqui a mentalidade, a “confissão positiva”. O texto continua amenizando o argumento anterior: “o aluno aprenderá que Deus é a sua fonte e Ele é quem nos dá forças para adquirir riquezas, as quais não são apenas materiais, mas principalmente espirituais, “onde a traça e a ferrugem não corroem e onde ladrões não escavam e nem roubam”³⁹. A hermenêutica bíblica aqui é voltada para a vida prática, pelo menos é o que a disciplina do curso demonstra querer fazer. A fé tem que ser posta em prática, e as oportunidades estariam dispostas cotidianamente. Nessa perspectiva, os adeptos desse movimento acreditam que se a Palavra escrita (Logos) for confessada ou declarada com fé (RHEMA), nós poderíamos realizar feitos sobrenaturais. Desse modo, a Palavra escrita

37 ARAÚJO, Israel. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 342. O curioso é que Araújo destaca a Igreja de R. R. como a principal adepta aos ensinamentos de K. Hagin no Brasil, e desconsidera, assim, a igreja VDV, que foi a principal responsável pela disseminação do CTBR em território nacional.

38 VERBO DA VIDA. Disponível em: <https://verbodavida.org.br/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

39 BÍBLIA, N.T. Mateus 6, 20 e Lucas 12, 33. Português. In: *Bíblia Sagrada – Harpa Sagrada*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2003, p. 936 e 1017.

(Logos) não tem validade se não vier acompanhada da palavra RHEMA, ou palavra falada. Isso nos impulsiona a relatar uma ocasião em que certo empresário se encontrava no hospital prestando apoio a um amigo que estava com seu filho internado em estado grave. A Igreja toda estava em oração, foi feita uma vigília em frente ao hospital, o menino veio a apresentar alguma melhora, e isso foi muito animador, porém, um dia depois, faleceu. A enfermeira, após o anúncio da morte do menino, veio delicadamente falar com o pai sobre a doação de órgãos e, nesse momento, o empresário que estava apoiando o seu amigo interrompeu a conversa, e em particular o convenceu a não doar os órgãos, acreditando que, até a hora do enterro, o jovem poderia ressucitar mediante o uso da “palavra da fé”. A oração no velório foi feita, a “palavra falada” foi praticada, mas nada aconteceu; no fim, tudo se resumiu na frase “foi a vontade de Deus”. Tal história, embora não haja fonte – que é a obsessão de todo historiador que se preze –, fez parte do cotidiano do autor que vos escreve, e ambos os homens relatados tinham seus diplomas do Centro de Treinamento Bíblico RHEMA. Não estamos sugerindo que o curso ou a Igreja estimulem esse tipo de conduta, porém temos de ponderar que o campo da crença e o da fé é um terreno arenoso. Até que ponto se pode medir o “bom senso” na prática dessa fé? Fica o nosso questionamento. Assim sendo, quem poderá dizer que o tal empresário não tentou usar sua fé da melhor maneira que havia interpretado? Ou a usou de modo errado? Esse é um ponto muito delicado e milindroso.

Hermenêutica caiofabiana

Até o momento, falamos apenas sobre alguns pontos da hermenêutica neopentecostal: primeiramente, a embrionária e nacional vinculada à IURD e, em um segundo momento, a mais bem elaborada, sofisticada e importada baseada na “confissão positiva” ou, mais especificamente, na “fé RHEMA”. Isso tudo, porém, servirá como contraste ao analisarmos a face da hermenêutica que foi, nos anos 1990, antitética aos avanços neopentecostais, e aparentemente continua sendo hoje, só que, agora, sem uma instituição que fale por eles. Chamaremos de hermenêutica caiofabiana⁴⁰, assim poderemos poupá-los de informações repetidas. Analisamos alguns dos

40 Aparentemente, a relação do reverendo Caio Fábio com essa hermenêutica pode ter sido elaborada posteriormente. Consideramos isso devido à falta de evidências após uma análise de algumas de suas pregações da década de 1990 – quando ele ainda se encontrava vinculado ao meio evangélico. De fato, não encontramos de forma explícita a ideia de “Jesus como chave hermenêutica” em seus discursos desse período, o que não significa que esses mesmos discursos não estivessem permeados por um “cristocentrismo” basilar. Entretanto, o conceito de “cristocentrismo” é, de certa forma, famoso entre o teologismo marcante da visão sistematizada, de modo que não provoca nenhum tipo de “escândalo”, diferentemente da sua hermenêutica atual, que é alvo de duras críticas. Só se pode ver essa interpretação explicitada em seu discurso a partir do seu rompimento com o meio evangélico brasileiro (1998). A partir dos primeiros anos de 2000, achamos cada vez mais essa ótica em seus temas. De fato, isso parece ser, para a figura do reverendo, um fator *sine qua non* para se conhecer o “verdadeiro evangelho”.

textos expostos no site do próprio reverendo Caio Fábio, que conta com um vasto acervo sobre assuntos relevantes e polêmicos entre cristãos.

O método interpretativo defendido pelo reverendo é tão simples, segundo ele, quanto pensar. As escrituras apresentam um alto nível de contrariedade entre si, isso pra quem quer que ela faça sentido de “capa a capa”. Caio Fábio defende que a única forma de se interpretar a Bíblia é com a “chave” hermenêutica correta. Porém, diferentemente dos demais teólogos, ele não propõe o que seria apenas mais uma sistematização. Ele acredita que a única chave possível é simplesmente Jesus. Cremos que esta constatação possa parecer, em um primeiro momento, semanticamente pobre e um tanto quanto vaga, afinal, por mais que se tenha “Jesus como chave hermenêutica” das escrituras, ainda assim precisaríamos de uma outra chave para interpretar ao próprio Jesus, visto que Ele faz parte das escrituras e suas palavras estão escritas nelas. Essa nossa primeira questão acerca dessa interpretação também foi dúvida de um internauta que trocou e-mails com o reverendo acerca desse assunto:

Caio, Sobre ter Jesus como a Chave Hermenêutica, você afirmou o seguinte: “É mais simples que pensar. Basta olhar para Jesus. Veja como Ele tratou a vida, as pessoas, a religião, os políticos, os pobres, os ricos, os doentes, os párias, os segregados, os esquecidos, os seres proibidos, os publicanos, as meretrizes, os santarrões, e o que mais você quiser...” “O resto, meu irmão, é invenção de quem não quer lidar com Deus, consigo mesmo e com gente e prefere lidar com letras”. Isto, porém, não prescinde de um estudo, pesquisa, leituras, de livros que nos auxiliem a esclarecer o sentido do texto; não é isso? Ou seja: não “basta OLHAR para Jesus”. É preciso entender, interpretar corretamente a passagem bíblica, o que Jesus disse; correto? Por exemplo: Quando Jesus diz: a ninguém saudeis pelo caminho... ou quando Ele fala para sua mãe: “que tenho eu contigo, mulher?!” Se isto não for esclarecido, se apenas “olharmos” para Jesus, teremos a impressão que Jesus foi ignorante com sua mãe. Estou entendendo que o que você condena não é a leitura, a pesquisa, mas os sistemas fechados da teologia sistemática, o querer colocar Deus num pacote e amarrá-Lo. É isto mesmo?

Abraço, Ismar⁴¹

A resposta do reverendo foi:

Meu mano amado: Graça e Paz! Ler, aculturar-se, educar-se, aprender história, sociologia, filosofia, psicologia, teologia, antropologia, ciências exatas, música, política, etc. – sempre é bom. É bom porque é bom examinar todas as coisas e reter o que seja bom. É bom também porque cultura posiciona o homem perante a superficial sociedade dos humanos. Também é bom porque saber é poder [...] Ora, o Jesus que mandou não saudar a ninguém pelo caminho, é também o mesmo que mandou amar até ao inimigo, e, fazer mais que os pagãos, que apenas saúdam os que os saúdam. Portanto, pelo ensino explícito de Jesus, e pelo modo como Ele tratou até aos Seus impertinentes e caninos oponentes, ora respondendo, ora perguntando como resposta, ora provocando a fim de suscitar a verdade, ora apenas indo e curando alguém do grupo adversário sem fazer perguntas, inclusive a orelha do servo do mandante de

Sobre isso, consultar o site oficial: <https://caiofabio.net/buscar-portal>.

41 Esses tipos de correspondências são tratados pelo site como cartas, mas, na verdade, eram e-mails trocados entre o reverendo e seus internautas. Cf. JESUS é a chave hermenêutica – mas é preciso ser culto para entender; né? *Caio Fábio*, [s.l.], 2010. Disponível em: <https://caiofabio.net/jesus-e-a-chave-hermeneutica--mas-e-preciso-ser-culto-para-entender-ne>. Acesso em: 18 mar. 2022.

Seu assassinato – fica claro que em Jesus ninguém é mal-tratado [...] Portanto, outra vez, *Jesus é a Chave Hermenêutica até para se compreender Jesus*. (destaque nosso) É ler Jesus, com Jesus, em Jesus e para Jesus [...] Quando Jesus disse as coisas que disse, você realmente crê que Ele intencionava que Seus discípulos fizessem cursos adicionais a fim de poderem entender a Sua Palavra? Mano, se fosse assim Jesus não seria suficiente! Se fosse assim Jesus seria o Mediador entre Deus e apenas os homens cultos⁴².

Esse tipo de interpretação não é visto com bons olhos pela maioria dos teólogos, que alegam uma simplória interpretação que não dá conta de toda a extensão e complexidade bíblica. Na verdade, o debate teológico sempre foi muito fechado no Brasil, como aponta Carvalho⁴³, uma espécie de monopólio da verdade em que apenas determinadas interpretações – que se encaixassem nos limites – eram aceitas. Ele relata isso através do olhar pentecostal que por muito tempo se manteve fora desses debates por puro preconceito teológico dos “intocáveis”. No entanto, a hermenêutica caiofabiana vai além nesse debate, pois presume que a teologia sistemática mais atrapalha do que contribui para a evangelização. Questionado sobre sua metodologia, Caio responde:

Muita gente me pergunta sobre a método-logia usada por mim para interpretar a Palavra: Não há nenhuma metodologia! Minha visão é básica demais para ser classificada como científica. Não me sirvo de nenhum método que não seja apenas o seguinte: quem crê na Encarnação não precisa nem de Aristóteles, nem de Kant e nem de Hegel! A Escritura não profetizou acerca de seus métodos de interpretação! Na Encarnação não há nem tese nem antítese para, então, haver uma síntese filosófica. E nem há departamentalizações que fechem um sistema – qualquer sistema! Na Encarnação há para-doxo! Afinal, nEle tudo subsiste! Pois sob-existe! E Cristo é a síntese – se é que a terminologia serve para essa função descritiva – e o Espírito da Graça é o agente hermenêutico e epistemológico que me faz aproximar do texto tendo a fé que encontrarei a Palavra. A conclusão desse processo des-proces-suado tem que convergir para uma única percepção: se Jesus é o Logos encarnado, então a interpretação de toda a Escritura só pode acontecer na vida-interpretativa que Jesus viveu, e as próprias palavras de Jesus só podem ser entendidas se tiverem sua concreção no Evangelho vivido por Jesus de Nazaré – o Verbo Encarnado, cheio de Graça e Verdade! Desse ponto em diante eu não sei mais nada! E estou contente!⁴⁴

Essa aparente simplicidade interpretativa também toca em um ponto muito mais delicado para qualquer teólogo: a sacralidade das escrituras. Para entendermos um pouco melhor do assunto, farei uso de uma das críticas que Carvalho faz aos teólogos reformados em enfatizar apenas alguns textos em detrimento a outros nas escrituras. Ele argumenta questionando: “Onde fica, porém, a ideia de toda a Bíblia ser inspirada pelo Espírito Santo quando uns textos são mais valorizados que outros?”⁴⁵. O que fica embutido no questionamento é que tanto Carvalho quanto os demais teólogos acreditam piamente na sacralidade bíblica e unanimemente a consideram

42 *Ibid.*

43 CARVALHO, 2017, p. 218 e 219.

44 D'ARAÚJO FILHO, Carlos Fábio. *Acerca de minha metodologia hermenêutica*. *Caio Fábio*, [s.l.], 2003. Disponível em: <https://caiofabio.net/acerca-de-minha-metodo-logia-hermeneutica>. Acesso em: 18 mar. 2022.

45 CARVALHO, 2017, p. 219.

“A Palavra de Deus”. Pois é aí que a hermenêutica caiofabiana traz consigo um dos maiores “escândalos” – no sentido novo-testamentário da palavra. Caio Fábio, por crer em Jesus como a única chave hermenêutica das escrituras, defende que a Bíblia está longe de ser a “Palavra de Deus”. Ele chega a dizer em alguns de seus vídeos – na maioria das vezes de forma responsiva – que a Bíblia sem os quatro evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João) não tem valor espiritual por si mesma, porém serve como um valioso livro que relata acontecimentos históricos. E isso é por demais embaraçoso pra quem construiu uma carreira na teologia sistemática e dedicou sua trajetória a um ideal *fundamentalista* que zela pela inerrância e coerência dos relatos ditos sagrados. Em suma, para o reverendo, os relatos sobre Jesus contidos nos quatro evangelhos, ou seja, suas falas, *seus silêncios*, inclusive seus comportamentos, são o único vértice cognitivo possível para se caminhar segundo o “verdadeiro evangélio”. Mas a profundidade desse assunto pode nos tirar do eixo central.

Outro ponto avultoso no debate hermenêutico entre os evangélicos é a famigerada “teologia da prosperidade”⁴⁶. Essa teologia é ainda um tanto quanto controversa, porém mais ou menos comum aos grupos neopentecostais. É evidente que existe toda uma sistematização teológica para esse fim, contudo, em suma, sua lógica parece simples: a Bíblia diz que Deus é o dono do ouro e da prata⁴⁷ repete incessantemente que somos todos seus filhos, logo, cordeiros de seus bens. O reverendo Caio, por sua vez, denunciava o abuso dessa nova interpretação bíblica desde o seu surgimento:

Como é possível crer que o significado da vida é feito de bens e posses; de poderes e cargos importantes; de superioridade sobre os demais por se ser “filho do Rei”; crer que Deus responde ao dinheiro muito mais do que a uma oração quebrantada; e entender prosperidade como algo a ser medido por conquistas materiais – e não colocar o coração em poder-ter e em “ser-alguém” porque se tem poderes ou posses? Simplesmente é impossível confessar tais coisas e pensar que o resultado e o significado podem ser diferentes. *Sim, porque cada um fica do tamanho do seu ídolo-teológico; e também cada um se torna a imagem de sua própria confissão com a boca [...] Ora, a tal “Prosperidade Idólatra e Materialista”, além de ser total perversão da mensagem e sentido do Evangelho Eterno, acontece também, entre outros fatores, em razão do complexo de inferioridade da “Igreja”; e também em razão de que a maioria dos proponentes de tal “teologia”, quase sempre, são pessoas de origem simples, e que viveram na pobreza, ou que não tiveram muita instrução, ou que viram na “Igreja” o melhor negócio de suas vidas. Afinal, que negócio é mais lucrativo na Terra do que a religião? [...] Sim, porque a “Teologia da Prosperidade” apareceu na carona do “deus rico” dos gurus da Califórnia; e seu conteúdo é idêntico ao “deles”; ou seja: a divindade tem seus “gurus”, os quais, em sendo “servidos pelo povo”, carregam para os “servos” as bênçãos que apenas são liberadas se eles, os gurus, forem servidos*

46 Sobre esta teologia, consultar: TIMM, Alberto R. Teologia da Prosperidade *In*: FILHO, Fernando B., SOUZA, Jospe Carlos de, e KILPP, Nelson. *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: Aste, 2008. p. 966-968. Ademais, outra importante obra que trata sobre o assunto é: PIERATT, Alan. B. *O evangelho da prosperidade*. São Paulo: Vida Nova, 1996.

47 BÍBLIA, A.T. Ageu 2, 8. Português. *In*: Bíblia Sagrada – Harpa Sagrada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2003, p. 914.

abundantemente e em primeiro lugar [...] Desse modo, Deus virou deus; e de Criador passou a Criado; e de Provedor virou Garçom de Crente; e de Senhor passou a ser Servo das ordens e caprichos dos pastores que “o” controlam, e dos crentes que com “ele” fazem suas barganhas⁴⁸.

A teologia da prosperidade talvez demonstre na prática o que Caio Fábio pretende ilustrar quando alega que a Bíblia, quando lida de modo a ignorar Jesus como “chave hermenêutica”, pode se tornar “a mãe de todas as heresias”. Mas, sobretudo, o que podemos ver na teologia caiofabiana é uma aversão à teologia sistemática como um todo, ou seja, a qualquer tipo de codificação sistematizante que seja considerada na interpretação das escrituras. E essa discussão teológica é quase interminável. Em suma, a ideia desta parte do texto é que fique claro para o leitor os principais pontos de conflito do debate teológico e hermenêutico, colocando em contraste a cosmovisão neopentecostal e a cosmovisão do grupo antitético ao neopentecostalismo. Dessa forma, como iremos ver no próximo tópico, não podemos perder de vista os desdobramentos que certas hegemonias hermenêuticas podem ocasionar em uma sociedade.

CONTRASTE SOBRE AS ÉTICAS POLÍTICAS

Antes de propormos uma análise histórica comparando as condutas éticas dos grupos que estamos estudando em relação às suas posturas políticas, achamos necessário abrimos um parêntese para tratar sobre um assunto pertinente: uma parcela do âmbito acadêmico de grupos que se consideram progressistas vem sendo, por vezes, taxativa em relação ao meio religioso evangélico, tendendo a simplificações explicativas que empobrecem, limitam e inviabilizam um diálogo que as chamadas direitas fundamentalistas e neoconservadoras vêm ganhando. E isso é um problema apontado por Py: “Assim, se alienar das pautas teológicas é não entrar na disputa pelos termos e semânticas que envolvem a fatia fundamental da população brasileira”.⁴⁹ Por este motivo, no planejamento deste artigo, propomos, primeiramente de forma proposital, a abordagem sobre as hermenêuticas em pauta, pois consideramos que qualquer análise que se distancie da interpretação hermenêutica desses grupos será, no mínimo, incompleta. No entanto, propor um maior diálogo das ciências humanas e sociais com grupos evangélicos não significa que devemos eximir de culpa os líderes neopentecostais de suas posturas nefastas, mas, sim, que devemos evidenciar uma parcela que – embora esteja longe de ser uma maioria representativa, não pode ser considerada pequena – não se encaixa na conceituação de “massa de manobra”

48 A DESGRAÇA da teologia da prosperidade. *Caio Fábio*, [s.l.], 2008. Disponível em: <https://caiofabio.net/a-desgraca-da-teologia-da-prosperidade>. Acesso: 18 mar. 2022. Grifos nossos.

49 PY, 2020, p. 6.

com a qual Malafaia se relaciona, por exemplo. Propor diálogo é propor heterogeneidades, linhas alternativas de expressão de fé, caminhos de esperança.

Dito isso, olhando historicamente o processo, acreditamos que o engajamento dos evangélicos ao sistema político brasileiro pode ser datado antes mesmo da ditadura civil-militar de 1964⁵⁰, porém, embora reconheçamos a importância dessa relação embrionária, nós nos deteremos aqui a analisar a relação da origem de um neopentecostalismo brasileiro e sua fusão com o poder político a partir do fim da década de 1980. Ademais, entendemos que estudar o neoconservadorismo crescente no meio evangélico isoladamente não nos ajuda muito a entender o movimento como um todo, visto que, para isso, é imprescindível olharmos para a eleição de Jair Messias Bolsonaro com índice desse processo. Não que se queira dizer aqui que o neoconservadorismo evangélico surgiu apenas com a ascensão de Bolsonaro, longe disto. O que acreditamos é que a crescente de um discurso neoconservador se dá devido à neopentecostalização de grande parcela dos evangélicos, e, para isso, diferentemente da maioria dos casos de estudos, propomos reflexão sobre a trajetória do pastor neopentecostal Silas Malafaia, que, a nosso ver, pode demonstrar e exemplificar melhor que todas as outras figuras como se deu esse processo.

É importante lembrar novamente que a postura neopentecostal em relação à política não pode ser entendida separada de sua hermenêutica bíblica, embora essa hermenêutica possa ser relativizada para se defender uma ideologia. Dessa forma, percebemos uma espécie de caráter camaleônico de Malafaia e outras lideranças neopentecostais, que, em suma, reflete o constante desejo de uma elite evangélica em permear e predominar nas camadas políticas da sociedade. Esse anseio é manifestado como um fim, pelo qual os meios para sua obtenção podem ser altamente flexibilizados se preciso for. Nessa perspectiva, concebemos então que o bolsonarismo aparece no cenário como uma espécie de âncora moral ao discurso neoconservador religioso, e sobre isso consideramos imprescindível uma pesquisa mais profunda.

50 Nesse sentido, uma reflexão importante é a diferenciação entre dois tipos ideais à moda weberiana: o “Político evangélico” e o “Político de Cristo” (CAMPOS, 2002). Consideramos que entender a diferenciação entre esses dois tipos ideais é começar a conceber como a cosmovisão evangélica iniciou seu remodelamento, que, aparentemente, não ocorreu somente no nível eclesial, mas também na mentalidade leiga dos fiéis. Apenas o “Político evangélico” fazia uso do contingente de fiéis de determinada igreja – ou campo denominacional –, sendo, entretanto, uma figura independente, somente inclinada a representar tais eleitores que a fé havia proporcionado. Enquanto isso, o “Político de Cristo” aparece já no cenário montado pelo neopentecostalismo, como um “novo ator político-religioso, pois, empresta a sua personalidade para ser usada como um instrumento da confissão religiosa que o escolheu candidato e fez dele o seu defensor na fronteira política. Esse novo agente nada é sem a organização e a esfera política que o escolheu candidato” (CAMPOS, 2002, p. 2).

Neopentecostais e antitéticos no cenário político a partir de 1990

Ainda em 1988, Caio Fábio, antes mesmo da criação da AEVB, já alertava sobre os perigos dos envolvimento entre os evangélicos e a política, o que ele chamou de “constantinianização dos protestantes no Brasil”. Segundo ele, foram os estrategistas políticos durante a ditadura militar que vislumbraram no meio evangélico um grande palanque que já alcançava milhões de pessoas em território nacional. Caio Fábio completa que “não demorou muito para que alguns líderes populares de vários grupos evangélicos se dessem conta de que eles próprios poderiam usar este espírito dócil da grande minoria protestante para estabelecerem suas próprias bases políticas”⁵¹. Ou seja, com o advento neopentecostal, passou de passiva para ativa a participação política dos evangélicos. Eles agora vão em busca das alianças necessárias. Caio Fábio completa dizendo: “o que se vê no momento é o desastroso voo de muitos desses líderes – que conquanto sejam pastores são teologicamente leigos na sua maioria – trazendo a todos nós medo, vergonha e perplexidade”⁵².

Nas eleições de 1994, o Conselho Nacional de Pastores do Brasil (CNPB) – concorrente criada pelos não inclusos na AEVB – organizou o ato “clamor pela pátria”, que contou com a presença de candidatos ao governo do Rio de Janeiro. Esse ato foi alvo de duras críticas dos que, na época, contrariavam a cosmovisão neopentecostal, mesmo sem terem ainda a real dimensão desse movimento. Luciana Conti, repórter que indagou Caio Fábio a respeito do ato, faz o alerta que o reverendo já liderava um movimento em favor da ética, visando à isenção política da Igreja⁵³. Em entrevista, ele – falando em nome dos evangélicos – conclama: “temos que combater esse espírito de negócio em relação ao voto evangélico”. Um dos problemas mais recorrentes ao chegar as épocas eleitorais é, de fato, o envolvimento ilícito da fé com o discurso político. Dizemos isso pois essa tática é contemporânea à elaboração deste trabalho e, com pesar, somos céticos o bastante para não acreditar que esse cenário irá mudar nos próximos anos. Caio, nessa mesma entrevista, alerta que ser pastor, cristão, fiel ou qualquer uma ligação espiritual não “empresta competência a ninguém”. Ademais, ele complementa esclarecendo que “pastor não tem autoridade divina para indicar candidatos”⁵⁴.

O “Decálogo do voto ético”⁵⁵ foi, sem dúvidas, mais uma tentativa de ruptura que a

51 D’ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. Constantino na constituinte. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1988. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_10/170605. Acesso em: 20 out. 2020.

52 *Ibid.*

53 D’ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. Pastor critica uso político da fé. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 jun. 1994. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_11/118789. Acesso em: 20 out. 2020.

54 *Ibid.*

55 O *Decálogo Evangélico do Voto Ético*, apresentado pela Associação Evangélica Brasileira, foi elaborado na Conferência Anual de igrejas,

AEVB propunha em relação à ética política neopentecostal⁵⁶. Nas vésperas das eleições de 1994, a Associação se manifestou frente às coligações feitas entre pastores neopentecostais, com políticos que almejavam a eleição, e isso envolveu uma espécie de troca de favores, circunstância que era intolerável à ética assumida pela AEVB. O decálogo tinha como um de seus tópicos que: “Os pastores e líderes têm obrigação de orientar os fiéis sobre como votar com ética e com discernimento. No entanto, a bem de sua credibilidade, o pastor evitará transformar o processo de elucidação política num projeto de manipulação e indução político-partidário”⁵⁷.

Em cenário semelhante, a insatisfação político-ideológica também se tornou uma tônica em 2002. Às vésperas da eleição para presidente da República, a AEVB – que já não contava com a figura de Caio Fábio na presidência –, nos seus últimos suspiros de relevância, lançou uma nota propagando sua insatisfação com a chamada “dança das alianças” feita entre presidenciáveis com pastores e bispos. Tal nota foi alvo de matéria da *Folha de S.Paulo* em 14 de outubro de 2002. Em matéria, a nota dá voz à associação que “questiona os apoios que bispos e pastores estão dando em nome de suas igrejas com a promessa de transferência de votos dos fiéis. ‘Não autorizamos ninguém a falar por nós [...] escolhemos em quem votar segundo nossas convicções e consciência’”⁵⁸.

Em contrapartida, para falar sobre a ética política neopentecostal, achamos importante, como já dissemos, analisar a “trajetória política” de Silas Malafaia, que consideramos o principal ativista representante da bancada evangélica brasileira. Embora o engajamento de Malafaia com a política tenha ocorrido desde o final da década de 1980, com muitas reviravoltas no que tange ao seu apoio político ao presidente Lula e ao PT, foi nas eleições de 2018 que ele pareceu, enfim, ter encontrado o seu lugar. Inclusiva, pudemos ligeiramente refletir que Bolsonaro aparece como oportunidade de representação para um campo que ainda não apresenta uma indicação; em outras palavras, acreditamos que as pautas de Malafaia se adaptariam a qualquer candidato centro-direita, talvez com uma melhor retórica, um linguajar menos chulo e de melhor reputação, porém o apelo popular e o engajamento de ambos os lados em algumas questões como aborto, não legalização das drogas, combate à “ideologia de gênero” etc. fizeram dessa aliança uma fusão aparentemente bem-sucedida para ambos.

Missões e Instituições, convocada pela AEVB, no Rio de Janeiro, em março de 1994.

56 OLIVEIRA, 2020, p. 9.

57 As pautas tinham como objetivo, em suma, conscientizar os evangélicos de que seu voto deveria ser conforme sua opinião política, e não deveria se tomar ficha na mão de pastores, que o usariam como moeda de troca. Pode-se achar os demais tópicos em: <https://ultimato.com.br/sites/blogdaultimato/2014/08/22/decalogo-do-voto-evangelico/>. Acesso em: 11 out. 2020.

58 BERABA, Marcelo; CORRIELLO, Rafael. Entidade evangélica critica fisiologismo. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 14 out. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1410200218.htm>. Acesso em: 15 out. 2018.

A prova disso é evidenciada pela aversão de Malafaia à candidatura de Bolsonaro em um primeiro momento. Em *live* realizada em 2017, Silas – em uma espécie de leilão de seu apoio político – teria dito que um candidato para obter seu apoio deveria reunir três características: competência política, competência administrativa e integridade. Sobre esta alegação, dois internautas em momentos distintos apontam que Bolsonaro reunia esses atributos e que seria ele o candidato apto para assumir a nação. Diante dessas manifestações, Malafaia se exalta contrariando a ambos de forma debochada e irônica.⁵⁹ Meses depois, Bolsonaro subiria nas pesquisas eleitorais, e Silas, mais uma vez, adaptaria seu discurso, apoiando o candidato que viria a ser vencedor. Esse remanejamento de discursos e posturas para se engajar com o candidato vencedor não foi uma excepcionalidade das eleições de 2018. Malafaia já havia feito o mesmo nas eleições de 2002 e nas eleições para prefeitura do Rio de Janeiro de 2016, isso sem contar os casos de menor expressão⁶⁰.

Para ilustrar como a cisão iniciada nas últimas décadas do século passado reverbera até os dias atuais, pode-se analisar a postura crítica de Caio Fábio frente ao governo Bolsonaro. Enquanto a bancada evangélica – preponderantemente neopentecostal – comemora anistia fiscal concedida a essas igrejas pelo governo, o reverendo, que continua como um dos maiores representantes antitéticos ao neopentecostalismo no Brasil, denuncia o governo, denominando-o como fascista. Ele já alertava, dois anos antes das eleições de 2018, sobre o caráter da candidatura de Bolsonaro⁶¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interessante ao olharmos para o episódio de divulgação do manifesto de 1995 é que, como nos relata o reverendo Caio Fábio, para a divulgação do manifesto se tornar eficaz, era necessária a assinatura de todos os pastores vinculados à AEVB, ou seja, todos ou a maior parte dos líderes comprometidos com essa associação deveriam compreender os ideais daquele manifesto e, além disso, confirmar seu compromisso em defesa do “evangelho” assinando tal

59 SILAS Malafaia detona Bolsonaro em vídeo. [S.l.: s.n.], 2018. 1 vídeo (9 min). Publicado pelo canal O Historiador. Disponível em: <https://youtu.be/MJU1i8vFnlg?t=196>. Acesso em: 23 set. 2019.

60 Sobre esse tema consultar, Folha Universal, 28.8.94, p. 3 *apud* CAMPOS, 2002, p. 13. Aqui podemos começar a conceber a crescente de um “antipetismo” ainda muito embrionário, embora possa ser rapidamente contrastado com a matéria sobre o apoio de Silas ao candidato Lula em 2002. Ver em: Candidato recebe apoio de líderes evangélicos. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 18 out. 2002. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/154083_06/16709. Acesso em: 10 set. 2020. Sobre as eleições de 2016, basta analisar uma série de *tweets* – uma das formas pelas quais o ativismo político de Malafaia mais se manifesta até hoje –, em que, em um primeiro momento, Silas é completamente avesso ao então candidato M. Crivella e, alguns meses depois, exultaria a vitória deste candidato.

61 BOLSONAZIS: fascistas por Bolsonaro! Caio registra o seu repúdio, para a posteridade! [S. l.: s.n.], 2017. 1 vídeo (6 min.). Publicado por Caio Fábio. Disponível em: <https://youtu.be/rEk9hVDtuBU>. Acesso em: 21 mar. 2022.

documento público. A argumentativa básica desse manifesto era de que se a cisão completa não ocorresse naquele momento, tudo posteriormente que viesse a ser chamado de evangélico traria consigo o significado e as caricaturas das práticas neopentecostais. Caio recorda que, após seu secretário enviar o fax para todos os pastores vinculados, aguardando o retorno, com suas respectivas assinaturas, foi surpreendido com as respostas negativas. Segundo o seu relato, todos os fax impressos contemplam quase a mesma narrativa, sendo que dentre “quase 150 mil pastores com sua denominações”, apenas cerca de 50 pastores assinaram o manifesto. Caio relata que os fax e ligações dos pastores que não aderiram a esse manifesto, em suma, diziam: “Caio, o que você está ensinando e pretende [...] está certo. O único problema é que não ‘dá certo’”. Caio diz que as motivações eram de cunho financeiro e político, ou seja, ao assinar tal documentação pública, eles perderiam uma grande porcentagem de sua renda mensal. A partir disto, ele ressalta que àquela altura, no período que o manifesto foi elaborado, grande parte das igrejas históricas e a Assembleia de Deus em sua totalidade “já eram todas neopentecostais e seus pastores não queriam admitir”⁶² em sua autobiografia, o reverendo relata que:

Ouvindo aquele desfile de declarações que revelavam apenas um profundo instinto de sobrevivência por parte dos pastores que me telefonavam, percebi como o nosso país, e nele a própria igreja, está dramaticamente destituído de princípios que, eventualmente, nos conduzam ao espírito de sacrifício, entrega, idealismo e até de martírio⁶³.

Em 1998, Caio Fábio viria a se desligar não só da AEVB, ou da igreja presbiteriana da qual fazia parte, mas também do movimento evangélico por inteiro, pois “não cria no futuro do que estava sendo proposto”⁶⁴, e esta atitude foi, sem dúvidas, um prato cheio para seus opositores, que tinham sua maior parcela representada pelo movimento neopentecostal brasileiro. Este, por sua vez, continuaria se desenvolvendo em território nacional, tomando outras formas, apropriando-se de outros discursos, engendrando-se em lugares antes inexplorados. Acreditamos que a cosmovisão neopentecostal seja hoje muito mais ampla e permeie segmentos fragmentados da fé evangélica, no entanto, em suma, consideramos todas um subproduto do plano expansivo do bispo Edir Macedo.

Os antitéticos à neopentecostalização do evangelicalismo brasileiro vêm contestando um adversário que tem várias formas de se adaptar e propor hibridismos correlacionados a ideologias políticas, aspectos econômicos e modernização tecnológica, de forma a não perder de vista o caráter bíblico e teológico de suas sistematizações. Sobre essas posturas antitéticas, é

62 PANORAMA..., 2020, 59 min. Nessa altura da palestra, Caio começa a verbalizar seu desapontamento com a Igreja evangélica nacional, além de mostrar sua frustração por ter investido tanto tempo e energia em algo que não conseguiu resistir aos avanços neopentecostais.

63 D'ARAÚJO FILHO, 1997, p. 433.

64 PANORAMA..., 2020, 1h03m47s.

interessante também observar que, embora como minoria e menos organizada, ainda existe dentro do campo evangélico brasileiro essa corrente que resiste à cosmovisão neopentecostal. Ainda se pode ver igrejas e pastores que advogam a contribuição voluntária, as pregações embasadas num evangelho menos materialista e fundamentadas no novo testamento. O próprio reverendo Caio Fábio, hoje, embora tenha se desligado do movimento evangélico, se consolida como uma das maiores figuras representativas para aqueles que simplesmente não desejam frequentar um templo periodicamente, advogando que o evangelho verdadeiro é aquele que transpõe qualquer barreira, e isso acontece muito além das fronteiras de um templo. Foi consolidado assim um dos grupos religiosos – termo controverso para identificar esse grupo – que mais cresce no Brasil: os chamados desigrejados.

REFERÊNCIAS

Fontes

A DESGRAÇA da teologia da prosperidade. *Caio Fábio*, [s. l.], 2008. Disponível em: <https://caiofabio.net/a-desgraca-da-teologia-da-prosperidade>. Acesso: 18 mar. 2022.

APRENDA a tomar posse das bênçãos de Deus. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal do Bispo Edir Macedo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WAdL2YAW2NI>. Acesso em: 3 nov. 2019.

BERABA, Marcelo; CORRIELLO, Rafael. Entidade evangélica critica fisiologismo. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 14 out. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1410200218.htm>. Acesso em: 15 out. 2018.

BOLSONAZIS: fascistas por Bolsonaro! Caio registra o seu repúdio, para a posteridade! [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (6 min). Publicado por Caio Fábio. Disponível em: <https://youtu.be/rEk9hVDtuBU>. Acesso em: 21 mar. 2022.

D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. Acerca de minha metodo-logia hermenêutica. *Caio Fábio*, [s. l.], 2003. Disponível em: <https://caiofabio.net/acerca-de-minha-metodo-logia-hermeneutica>. Acesso em: 18 mar. 2022.

D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. *Confissões do pastor*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. Constantino na constituinte. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1988. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_10/170605. Acesso em: 20 de out. 2020.

D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. Pastor critica uso político da fé. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 jun. 1994. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_11/118789. Acesso em: 20 out. 2020.

DECÁLOGO do voto evangélico. *Ultimato*, [s. l.], [2010]. Disponível em: <https://ultimato.com.br/sites/blogdaultimato/2014/08/22/decalogo-do-voto-evangelico/>. Acesso em: 11 out. 2020.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto (org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 67-162.

JESUS é a chave hermenêutica – mas é preciso ser culto para entender; né? *Caio Fábio*, [s.l.], 2010. Disponível em: <https://caiofabio.net/jesus-e-a-chave-hermeneutica--mas-e-preciso-ser-culto-para-entender-ne>. Acesso em: 18 mar. 2022.

JUSTINO, Mário. *Nos bastidores do Reino*. A vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo: Geração Editorial, 1995.

LEAL, Luciana. Evangélicos rompem com a igreja universal. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 set. 1995. Disponível em: <https://shre.ink/1MyJ>. Acesso em: 10 mar. 2022.

LIMA, Luiz Paulo. Conselho de pastores divide os evangélicos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 out. 1993. Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/030015_11/123983. Acesso em: 21 set. 2021.

MOLICA, Fernando. Igreja divide os evangélicos. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 1996, Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/1/07/brasil/22.html>. Acesso em: 15 out. 2018.

O QUE é o RHEMA? *Verbo da Vida*, [s. l.], Entre 2010 e 2018 Disponível em: <https://verbodavida.org.br/rhema/o-que-e-o-rhema/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

PANORAMA dos cristianismos no Brasil: bate-papo com Caio Fábio. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (96 min). Publicado pelo canal TVPUC. Disponível em: https://youtu.be/6VH7L_8kc0. Acesso em: 20 de out. 2020.

PASTOR Marcos Feliciano diz que a África foi amaldiçoada por Noé. [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (2 min). Publicado por felipe pk. Disponível em: <https://youtu.be/CYAc5og83uk/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

SILAS Malafaia detona Bolsonaro em vídeo. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (9 min). Publicado pelo canal O Historiador. Disponível em: <https://youtu.be/MJU1i8vFnlg?t=196>. Acesso em: 23 set. 2019.

VERBO DA VIDA. Disponível em: <https://verbodavida.org.br/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

Obras gerais

ARAÚJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Os “políticos de Cristo”: uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. In: Encontro Nacional da Anpocs, 26., 2002, Caxambu. *Trabalhos apresentados* [...]. Caxambu: ANPOCS, 2002.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento Neopentecostal*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997.

CARVALHO, César M. *Pentecostalismo e pós-modernidade: quando a experiência sobrepõe-se à teologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

FRESTON, Paul. *Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético*. Curitiba: Encontro, 1994.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MINA, Andreia Mendes de Souza. *Nós e o mundo: a construção do “Outro”. Alteridade e pertencimento no material de divulgação brasileiro da Igreja Assembleia de Deus (AD) e Igreja Universal do Reino de Deus na década de 90*. 2004. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

OLIVEIRA, Daniel Gomes dos Santos. *“Eles não falam por nós!”: O movimento em oposição ao neopentecostalismo no Brasil*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2020.

ORTUNES, Leandro. *Religião e política: o neofundamentalismo no Brasil*. 2019. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

PIERATT, Alan B. *O evangelho da prosperidade*. São Paulo: Vida Nova, 1996.

PROENÇA, Wander de Lara. *Sindicato de mágicos: uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2006)*. 2007. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.

PY, Fábio. *Pandemia cristofascista*. São Paulo: Recriar, 2020.

Recebido em 18/01/2023 - Aprovado em 14/03/2023